

## O ESPORTE E A INVENÇÃO DE TRADIÇÕES NO CONTINENTE AFRICANO: O CASO DO GOLFE EM CABO VERDE<sup>1</sup>

**Victor Andrade de Melo**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

### **Resumo:**

Nesse estudo não adotamos a compreensão de que, no continente africano, práticas tradicionais são necessariamente manifestações “tribais” ou que antecedem a chegada do colonizador. Consideramos que, em muitos casos, a ideia de tradição está mesmo relacionada à construção de representações mobilizadas em processos de consolidação de identidades nacionais. Partindo dessa consideração, o objetivo desse artigo é discutir como uma modalidade esportiva, o golfe, foi apreendida como uma tradição no processo de construção identitária de um país africano, Cabo Verde, arquipélago localizado na costa oeste da África, colônia de Portugal até 1975.

**Palavras-chave:** Golfe. História do Esporte. Cabo Verde.

---

### **Introdução**

O samba não é carioca  
O samba não é baiano  
O samba não é do terreiro  
O samba não é africano  
O samba não é da colina  
O samba não é do salão  
O samba não é da avenida  
O samba não é carnaval  
O samba não é da TV  
O samba não é do quintal  
Como reza toda tradição

---

1- Esse artigo incorpora partes de outros estudos que fizemos.

É tudo uma grande invenção  
 (...)
   
 Não tem mistério<sup>2</sup>

**E**lefantes, girafas e zebras andando pelas ruas, cercados por homens e mulheres em trajes sumários, falando línguas estranhas e adotando comportamentos exóticos. Ou imagens de fome, doença, miséria, guerras. Tais imaginários sobre a África coexistem ainda tanto por um uso instrumental de uma suposta herança presente na formação cultural brasileira, bastante operada por certos setores dos movimentos sociais, quanto por um olhar homogeneizador e monolítico, um desconhecimento e/ou desconsideração das enormes diferenças existentes entre os países do continente. Essas compreensões, por vezes de forma articulada, transitando entre uma visão romântica e uma visão pessimista, são comuns e evidenciam equivocadas e limitadas representações sobre a África que persistem não só no senso-comum, como também em parte do pensamento intelectual brasileiro<sup>3</sup>.

No âmbito das práticas corporais institucionalizadas, vemos reflexos dessas controversas representações. Vivian Fonseca (2009), por exemplo, tem com grande competência e contundência discutido como no campo da capoeira as disputas e tensões internas também se manifestam na forma de usos da memória que acabam por perpetuar mitos relacionados à “africanidade” da manifestação. Por exemplo, a “Capoeira Angola” é por diversas vezes apresentada como a “mais pura” e “legítima”, como uma suposta herança direta dos africanos, a mais “tradicional”, portanto. Tal compreensão, antes de qualquer coisa, aponta para uma clara mobilização identitária<sup>4</sup>.

Para melhor compreender as práticas corporais nos cenários pré e pós-independência dos países do continente africano, considerando os olhares advindos dos estudos pós-coloniais, vale a pena ter em conta os cinco possíveis arranjos sobre a prática esportiva sugeridos por Balle e Cronin (2003): a) manifestações locais que sobreviveram ao período colonial e não se transformaram em esporte; b) manifestações

2-Letra de “O mistério do samba”, de Fred Zero Quatro e Marcelo Pianinho, gravada por Mundo Livre S/A, no álbum “Por Pouco”, lançado em 2000.

3-Para mais informações, ver Vieira (2006) e Oliva (2009).

4-Para mais informações sobre tal discussão, ver Vassalo (2003).

locais que foram esportivizadas; c) manifestações locais que se transformaram em variáveis de algum esporte internacional; d) esportes difundidos pelo colonizador; e) esportes introduzidos pelo colonizador, mas que foram apreendidos em arranjos específicos.

Não se deve crer que a ideia de tradição é uma prerrogativa das práticas que integram o primeiro grupo acima descrito. De fato, no continente africano, assim como ocorrera em vários países europeus e americanos, o esporte também foi constantemente mobilizado no processo de “invenção de tradições” (HOBBSAWN, RANGER, 1997), relacionadas à constituição da ideia de nação. Esse uso foi de grande relevância em muitos casos, já que, até mesmo em função da longa condição colonial, havia menos elementos para a construção de um sentido de nacionalidade, algo que se complexificava com a frequente existência de várias etnias:

joventes nações africanas adaptam velhos estilos europeus de governo para atender suas próprias necessidades. Para fins de saúde e disciplina, eles também promoveram jogos atléticos ocidentais e programas de educação física em suas escolas. Eles elegeram o esporte para ser um denominador comum de valor incalculável para reunir várias tribos com diferentes costumes e línguas em uma única nação (BAKER, 1987, p. 277).

Nesse sentido, uma vez mais parece interessante considerar as sugestões de Bale e Cronin (2003, p. 12) no que se refere às possíveis contribuições do pós-colonialismo para os estudos do esporte. Para eles, uma agenda de investigação deve incluir:

o desvelamento da cumplicidade do esporte no processo de dominação colonial; a consideração das possibilidades e potencialidades do esporte como uma forma de resistência; o exame da natureza da representação do esporte no discurso colonial, incluindo uma interrogação das práticas dos autores, fotografias, gráficos e outras coisas envolvidas na representação colonial; a ligação do esporte com as teorias metropolitanas e seus sistemas totalizantes de generalizações; e a valorização dos espaços ocupados e investidos com seus significados próprios pelas práticas corporais nos períodos colonial e pós-colonial.

Nesse estudo, portanto, não adotamos a ideia de que práticas tradicionais são necessariamente manifestações “tribais” ou que antecedem a chegada do colonizador. Na verdade, mesmo essas, quando permaneceram vivas, muitas vezes só são consideradas tradicionais se assim o foram por algum motivo representadas.

Partindo dessas considerações iniciais, o intuito desse artigo é discutir como uma modalidade esportiva, o golfe, foi apreendida como uma tradição no processo de construção identitária de um país africano, Cabo Verde, arquipélago localizado na costa oeste da África, colônia de Portugal até 1975.

A prática do golfe sempre teve um sentido bastante curioso no arquipélago. Um dos aspectos mais peculiares é o fato de que, em função das condições climáticas, das características do solo e da escassez de água, e logo das conseqüentes dificuldades para cultivar a grama, os campos nunca foram exatamente *greens*, mas sim *browns*. Outro aspecto a ser destacado é a longa trajetória e inserção da modalidade na história local.

Já em 1853, Thomas Miller, George Miller e George Rendall, dirigentes de uma empresa britânica que se instalara na ilha de São Vicente, solicitaram ao governo colonial um terreno para instalarem um campo de golfe (PAPINI, 1982). No decorrer daquele século e nos anos iniciais do seguinte, vários clubes foram criados, inclusive o St. Vicent Golf Club (1920), que, depois de passar por muitas mudanças, existe até os dias de hoje, com o nome de Clube de Golfe de São Vicente, o único do mundo com um campo de terra ativo. Paulatinamente considerada como uma tradição local, vale a pena prospectar as representações construídas ao redor da modalidade do golfe.

O caso de Cabo Verde merece uma discussão mais aprofundada por pelo menos dois motivos: a) a natureza da relação estabelecida entre a colônia e a metrópole; b) a importância do esporte na sua história. É também relevante a reflexão sobre a função do espaço que a província ocupa na memória colonial:

primeiramente como espaço do império que validava o mítico desígnio português de propagação da civilização, tendo em conta a celebração propagandística sobre o nível civilizacional da sua população; segundo, como espaço construído a partir da intervenção colonial portuguesa, uma vez que as ilhas eram desabitadas aquando da chegada dos navegadores e da instalação

dos primeiros colonos, o que corroborava o seu mito de origem a partir do tempo histórico português: é como se Portugal fosse a verdadeira medida histórica de um tempo zero a partir do qual se devia começar a contar a antropodisseia das ilhas cabo-verdianas (BARROS, 2010, p. 2).

Consideremos que essa experiência cabo-verdiana tem muito a nos dizer sobre vários temas: o papel do esporte no mundo contemporâneo; as dinâmicas coloniais e pós-coloniais; a constituição de nações no continente africano; a própria ideia de tradição.

### **O golfe como expressão de civilização**

Em Cabo Verde, em virtude de uma série de ocorrências históricas, conforma-se uma elite crioula já no século XVIII. Na transição dos séculos XIX e XX, uma intelectualidade nativa ganha força como mediadora entre a metrópole e a população local, entabulando, inclusive, a construção de representações sobre “o jeito de ser cabo-verdiano”, que embasavam estratégias de resistência às ingerências metropolitanas.

Não se tratava de um processo de busca pela independência, mas sim, pelo contrário, de uma reivindicação pelo pleno reconhecimento de Cabo Verde como parte do Império português: “Uma luta não propriamente contra a soberania nacional, mas contra o trato colonial. Ou seja, aceitam os pressupostos nacionalizantes, mas propugnam a eliminação dos marcos diferenciais legitimadores das práticas coloniais” (FERNANDES, 2006, p. 42). Os cabo-verdianos lidavam com o fato de que Portugal sobrepujava as noções de império e nação. Ao declarar sua lealdade, reclamavam ser reconhecidos plenamente.

À gestação de discursos identitários correspondiam iniciativas de “materializá-los” por meio de elementos diversos. Aqui se encontraria uma das possíveis explicações para o precoce desenvolvimento do campo esportivo no arquipélago. Demonstrar hábitos modernos, entre os quais fazer esportes e cuidar da saúde e do corpo, para além do óbvio prazer que tais atividades podiam oferecer, reforçava a ideia tão mobilizada, ora mais ora menos explicitamente, de que Cabo Verde era uma colônia distinta, superior, já “civilizada”.

Deve-se observar que uma das ideias-chave das representações construídas, o valor do mestiço, foi constantemente mobilizada ao redor da prática esportiva, notadamente de duas de suas modalidades: o

golfe e o críquete. Nos discursos, o envolvimento com modalidades tão “civilizadas” teria sido possível porque o crioulo cabo-verdiano soubera aproveitar o melhor dos dois mundos que o constituíram: nem africano, nem europeu, um bocado dos dois, ainda que tenham sido enfáticos os debates sobre o quanto de cada um.

Se essa dimensão cultural é importante, a estruturação do campo esportivo em Cabo Verde também tem relação com uma decorrência econômica: o Porto Grande, na baía de Mindelo, na ilha de São Vicente, tornou-se, no século XIX, um dos mais importantes do Atlântico, destinado especialmente ao reabastecimento. Por lá se instalaram muitas empresas de capital estrangeiro, notadamente britânico, que contribuíram para a difusão do esporte, não só por ações diretas (a criação de clubes e organização de competições), como também porque estimularam a sintonia com o que de mais moderno havia na ocasião.

Entre as lideranças locais, assim, desenvolveu-se a noção de que a rápida adesão à prática esportiva tinha relação com o fato de os cabo-verdianos terem adotado um estilo de vida mais leve, mais despojado, mesmo que intelectualmente requintado, em função de uma cultura marcada pelo hibridismo, pela mistura de referências múltiplas:

certa displicência no traje, principalmente no vestuário masculino, o cumprimento limitado a um aceno de mão, na forma de um alô que arreda o portuguêsíssimo aperto de mão, a generalidade da prática do tênis, do golfe, do cricket, desportos mais ou menos aristocratizantes para quem os pratica, mas que em Cabo Verde se divorciam de tal conceito, na medida em que se deixam permeabilizar por todos os escalonamentos sociais até alcançarem empregados de escritório e balcão (MIRANDA, 1963, p. 37).

Efetivamente, como desdobramento dessas considerações, com o decorrer do tempo tornou-se comum argumentar-se que no arquipélago, especificamente em São Vicente, o golfe era uma prática popular, acessível a todos. Vejamos, por exemplo, como Antero Barros, uma das principais lideranças esportivas e políticas de Cabo Verde, se posicionou sobre o tema na década de 1960:

O clube de golfe de São Vicente deve ser um caso único no globo: o fenômeno de democratização humana é perfeito neste clu-

be onde se pratica a modalidade esportiva mais aristocrática do mundo (...). Aqui neste clube, professores do Liceu, médicos, engenheiros, comerciantes, industriais, patrões, empregados comerciais, enfermeiros, operários, afinando pelo mesmo diapasão – a sinceridade – jogando lado a lado, almoçam à mesma mesa e trocam impressões sobre os problemas mais importantes da vida cotidiana, com um pensamento comum: ser útil a Cabo Verde e a sua pátria: Portugal<sup>5</sup>.

Outra posição interessante a ser considerada é a de Baltasar Lopes, um dos mais importantes personagens da história do arquipélago, por muitos encarado como um dos “pais” da nacionalidade cabo-verdiana:

Como se sabe, o golfe pertence ao número das atividades desportivas reservadas ao escol social, definido, em regra, pelas suas disponibilidades financeiras. Ora, em São Vicente assiste-se (assistiu-se sempre no que creio poder afirmar) ao fato curioso de a prática do golfe ter sido sempre livre, isto é, aberta a todas as camadas da população, bastando apenas o gosto pela modalidade e o mínimo de aparelhagem técnica (Apud BARROS, 1981, p. 5).

Segundo seu olhar, isso teria ocorrido porque os nativos se aproximaram e se apropriaram de uma prática que, a princípio, era exclusiva e restrita aos britânicos. Aqueles quem viviam próximos dos campos de golfe e/ou trabalhavam como *caddies* teriam aproveitado para aprender o jogo, criando alternativas para praticá-lo:

Refiro-me ao fato de, então, os garotos terem os seus “campinhos” espalhados por toda a cidade e adjacências: era cavar um buraco no chão, para meter a bola num *plôche* – crioulização de *approach*, e com o único pau para todo serviço (era o *lofta*) já estava o jogo instalado e implantado (Apud BARROS, 1981, p. 6).

Essas representações, eivadas de considerações ideais, não estavam desprovidas de algumas bases concretas. Nas décadas de 1920 a 1940,

---

5-Arquipélago, ano 1, n.5, 20 de setembro de 1962, p. 4.

ainda que estivesse em decadência a prática do críquete, outra modalidade que surgira entre os britânicos, no século XIX, outros esportes estavam em franco processo de consolidação, notadamente o futebol. O golfe se estabilizara como uma das preferências da população.

Efetivamente houve ações dos nativos no intuito de viabilizar o seu envolvimento com o golfe. Em 1933, da fusão do St. Vicent Golf Club com outras agremiações fundadas pelos britânicos no decorrer das primeiras décadas do século XX, foi criado o St. Vicent Golf Cape Verde Island and Lawn Tennis Club, de caráter muito restrito. Em 1938, estimulados pelo sucesso de um campeonato aberto e incomodados com as restrições estabelecidas pelos ingleses, um grupo de mindelenses fundou o Lord Golf Club. Nesse momento já havia também competições entre os sócios de outras agremiações locais (o Clube Sportivo Mindelense e o Grêmio Recreativo Castilho, por exemplo).

Enfim, como qualquer construção identitária, uma estrutura estruturante, se há ênfases excessivas em algumas posições, essas não podem prescindir de alguma concretude. De qualquer forma, o importante é perceber que, ao redor do golfe, no decorrer do tempo, uma tradição foi inventada.

### **O golfe como resistência**

A construção de narrativas heroicas ao redor do golfe, inclusive relacionadas a uma suposta estratégia de resistência ao colonizador, é uma ocorrência comum na história do arquipélago. Elas se articulam plenamente com a mobilização identitária já antes discutida: a difusão da prática por entre vários estratos da população teria ocorrido porque o cabo-verdiano, educado o suficiente para entender o valor do jogo, teria constantemente lutado para garantir algo que lhe parecia um direito, um valor que construía no próprio processo de construção do seu jeito peculiar de ser.

Vejam, por exemplo, como Antero Barros (1981, p. 18) narra uma parte da história do Lord Golf Club. Segundo ele, na transição das décadas de 1930 e 1940, em Mindelo, três grupos praticavam o golfe: “Os ingleses utilizavam o Campo da Amendoeira e parte do antigo Campo da Cova Inglesa; os ‘portugueses’ (grupo liderado por Virgílio Malheiros) e os jogadores do Lord utilizavam esse último campo”.

Aproveitando que os ingleses do St. Vicent mudaram definitivamente de sede (da Cova para o Campo da Amendoeira), para se afastarem ainda mais dos nativos e dos funcionários públicos portugueses, aqueles que eram ligados ao governo colonial, liderados pelo Capitão Ferreira Pinto, administrador da ilha de São Vicente, fundaram, em 1940, uma nova agremiação: o Clube de Golfe de São Vicente.

Com isso, os nativos, que já encontravam restrições para jogar, foram impedidos definitivamente de frequentar o campo da Cova da Inglesa. Os membros do Lord, então, construíram, em poucos meses, com seus recursos e seus próprios esforços, um campo de 18 buracos, onde ficaram por quatro anos. Ao comentar o que considerou uma história de superação e um exemplo de organização de todos que contribuíram para tal empreitada, Barros (1981, p. 19) infere: “o golpe do Capitão Ferreira Pinto estava condenado a um fracasso, na medida em que o golfe tinha raízes muito profundas na massa popular do Monte, Dji de Sal e Monte Sossego”. O fato é que, ao fim, os cabo-verdianos foram convidados a integrar o Clube de Golfe de São Vicente, deixando de existir o Lord.

Vejamos outro exemplo: na década de 1960, em função da redução do número de ingleses em Mindelo, o tradicional clube de britânicos mudou seus estatutos para ampliar a base de associados. Na ocasião, o Clube de Golfe de São Vicente também sentia os efeitos da decadência econômica da ilha. Nesse quadro, em 1969, as agremiações fundiram-se, dando origem ao Clube Anglo-Português de Golfe de São Vicente.

Se um dos motivos da união foi de natureza econômica, segundo o olhar de Barros (1981) houve ainda outra razão relevante, que merece ser discutida por referir-se a uma construção identitária. Uma divergência interna no clube de crioulos teria levado à presidência José Duarte Fonseca e Mário Matos, que, de acordo com a visão do autor, promovendo um elitismo incomum na história da agremiação, tramaram com o governo colonial a possibilidade de junção, aproveitando um momento em que algumas lideranças esportivas se encontravam fora de São Vicente ou mesmo de Cabo Verde.

É nessa época que ocorre um fato que entrou para a memória do arquipélago. Quando Adriano Moreira, Ministro do Ultramar que tinha simpatia pela ideia de transformar Cabo Verde em ilhas adjacentes a Portugal, esteve em Mindelo, teria sido marcado um almoço no Clube de Golfe. A Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) in-

formou que faria uma inspeção nas instalações, o que teria indignado alguns associados que, ultrajados pela desconfiança, decidiram por cancelar a recepção.

Ao saber dessa decisão, por meio do governador da província, Silvino Silvério, Moreira determinou que o órgão de segurança não se envolvesse. Segundo Barros (1981), o órgão acabou, como vingança, incomodando-os durante meses. A representação propalada é de dupla ordem: o cabo-verdiano não pode ser tratado como suspeito; o cabo-verdiano tem fibra e sempre resistiu.

Curiosamente, algumas décadas mais tarde, vemos uma representação contraditória em uma fala de Antero Barros. Segundo ele, o clube teria sido local de reuniões políticas no momento que antecedeu a independência, “umas vezes conduzidas pelo nosso saudoso Mestre Baltasar Lopes e, outras vezes, pelo meu saudoso amigo e aluno Eng<sup>o</sup> Manuel Rodrigues”<sup>6</sup>.

Na verdade, a ideia de que o clube fora um lugar de resistência anticolonial tornou-se mais comum no contexto dos anos 1980, quando o país já independente adotara um modelo de partido único de viés socialista (o Partido Africano para Independência da Guiné e de Cabo Verde, PAIGC). Entre as tensões que se manifestaram em vários setores, inclusive no campo esportivo, não poucas vezes o golfe foi atacado, por ser considerado um “esporte de burguês”, supostamente não condizente como os intuitos da nova nação. Os defensores da modalidade, em reação, usaram as mais diferentes estratégias para exaltar a importância da prática.

Por exemplo, além de relacioná-la a uma suposta resistência anticolonial, argumentava-se que, tendo em vista a construção de uma imagem internacional para o país, o golfe seria de grande utilidade, algo que acabou por fazer reemergir a antiga representação de que em Cabo Verde o esporte sempre foi popular:

O golfe é uma modalidade desportiva de longa tradição em Cabo Verde e que atingiu um nível excelente, razão porque deve ser apoiado e incentivado. Uma certa acusação de elitismo e de

---

6-BARROS, Antero. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. **O Liberal**, online, 24 de junho de 2008. Disponível em: <http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>. Acesso: 9 jul. 2009.

“ricaços” aos seus praticantes não nos parece fundamentada, na medida em que os clubes existentes, na Praia e em São Vicente, têm as suas portas abertas a todos os interessados na prática salutar deste desporto<sup>7</sup>.

Vale destacar a publicação no jornal nacional, *Voz di Povo*, de matérias que pareciam desejar “reabilitar” a modalidade, como as que anunciaram que José Borges, filho de um trabalhador das alfândegas e de uma empregada doméstica, empregado do Clube de Golfe e Tênis de Praia, havia vencido um torneio. Reforçava-se a representação: em Cabo Verde, gente do povo chega a ser campeã<sup>8</sup>.

A essa altura, o país estava prestes a passar por novas mudanças. De 1975 a 1980, Cabo Verde e Guiné-Bissau compartilharam o projeto de compor um Estado único binacional sob a liderança do PAIGC. Com o golpe que depôs Luiz Cabral da presidência da Guiné, houve o rompimento entre os países, a criação do PAICV (Partido Africano para Independência de Cabo Verde) e uma série de mudanças governamentais, inclusive na direção econômica do arquipélago.

Com isso, antigos parâmetros ligados às representações de cabo-verdianidade, relegados a um segundo plano no âmbito das estratégias do PAIGC nos primeiros anos da independência, paulatinamente foram reabilitados. Os dirigentes começam a fazer ajustes com o passado e o golfe uma vez mais seria lembrado nos discursos.

### **O golfe como patrimônio da nação**

Em 1984, numa cerimônia de homenagem a João André Barros, Nhô Fula, Baltasar Lopes exalta esse que foi um dos mais célebres esportistas de Mindelo no período colonial, considerando-o um herói:

Apregoamos que a superação da nossa insularidade e, com o estabelecimento de relações assíduas, a formação de uma consciência de unidade, precursora indispensável da independência, essa superação – dizia – foi em grande parte obra dos homens humildes e corajosos que, numa rotina diuturna de navegação

---

7-*Voz di Povo*, ano 3, número 154, 5 de agosto de 1978, p. 10

8-*Voz di Povo*, ano 4, número 188, 18 de abril de 1979.

costeira e estimada, levavam os veleiros de porto em porto (Apud BARROS, 1998, p. 73).

Segundo seu olhar, os heróis a serem exaltados deveriam ser aqueles que, por sua experiência pessoal, expressaram e ajudaram a construir o jeito cabo-verdiano de ser, marcando a peculiaridade de um povo e de um local no cenário mundial. Um antigo golfista seria um exemplo típico desse personagem fundamental para a história do arquipélago.

Nesse mesmo sentido, é emblemático o discurso que Antero Barros proferiu na ocasião em que fora homenageado pelo Clube de Golfe de São Vicente (depois da independência deixou de ser Clube Anglo-Português), em outubro de 1980.

Antero fala de sua apreensão com o destino da tradicional agremiação. Segundo seu olhar, em situações como a da independência, “apossa-se das massas populares uma excessiva euforia, um chauvinismo desenfreado” que acaba por levar “ao cometimento de autênticos sacrilégios no tocante aos patrimônios históricos, culturais e desportivos” (Barros, 1981, p. 16). Lembra, inclusive, que em Angola e Moçambique, até mesmo pela adoção da ideologia marxista, os clubes dedicados ao esporte foram extintos. Haveria outra razão para tal: “Isso aconteceu porque o golfe naqueles dois países não tinha nem raiz nem implantação populares” (BARROS, 1981, p. 21).

Em Cabo Verde, afirma, as coisas se passaram de forma distinta. Para ele, isso tinha a ver com a antiga ideia que defendia o caráter popular do golfe no arquipélago, especialmente em São Vicente: “Creio que o nosso Clube constitui a única exceção no mundo. Não há no mundo outro clube de golfe, de raiz profundamente popular. Esta é a nossa coroa de glória que devemos manter a todo custo” (BARROS, 1981, p. 21).

Para Barros, foi isso que impediu que o clube acabasse, ainda que “alguns elementos do poder constituído (Partido e Governo) fossem alheios ao golfe” (Barros, 1981, p. 21). O seu desejo de conexão com o passado é de tal ordem que conclui sua fala propondo que se faça uma reforma dos estatutos: “no ato da revisão, façamos justiça histórica – agora que nos é possível fazê-la -, restituindo ao nosso Clube o seu verdadeiro nome de Lord Golf Club de S. Vicente” (BARROS, 1981, p. 24).

Essa dimensão, a defesa de um patrimônio da nação, que também se articula com as duas outras dimensões já discutidas, tornará a ficar clara em um episódio recente. A longa ligação do golfe com Cabo Verde atualmente se vê reforçada com as iniciativas de desenvolvimento do turismo, uma das alternativas econômicas que tem sido pensada para o país. Muitos dos empreendimentos que se instalam no arquipélago têm como principal mote esse esporte, uma estratégia para atrair um certo perfil de turista.

A diretoria do tradicional Clube de Golfe de São Vicente, nesse contexto, percebeu ou foi convencida de que havia uma possibilidade de renovação de suas instalações e decidiu por tentar estabelecer uma parceria internacional. O que ocorre é que, no âmbito dessa proposta, seria destruído o tradicional campo de terra da agremiação, a ser substituído por um relvado de padrões internacionais.

Tal possibilidade desencadeou um acalorado debate público. Em 24 de junho de 2008, *O Liberal* publica na íntegra uma carta/manifesto do sempre ativo Antero Barros<sup>9</sup>. Recuperando a história da prática em Mindelo, seu posicionamento é a expressão dos muitos que eram contrários à parceria, mobilizando claramente duas ideias: em Cabo Verde, o golfe é uma tradição popular e um patrimônio nacional. Não surpreende que afirme categoricamente: “O Clube não se encontra à venda”.

Tratar-se-ia de uma história heroica, de subversão, de superação do colonizador. Nesse processo, definira-se, supostamente, parte da identidade cabo-verdiana. Vejamos como em outra matéria essa visão fica ainda mais explícita, apresentando-se o golfe como estratégia de resistência:

A história do golfe em São Vicente confunde-se com a resistência anticolonial. Os ingleses possuíam o seu Golf mas os cabo-verdianos, (...), criaram com suor e sangue o Clube de Golfe de São Vicente. Figuras importantes da intelectualidade mindelenses como Baltasar Lopes, Júlio Monteiro, Jonas Wahnon, António Aurélio Gonçalves, José Duarte Fonseca, Aníbal Lopes da Silva foram a um tempo praticantes e dirigentes do clube e ex-

---

9-BARROS, A. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. **O Liberal** online, 24 de junho de 2008. Disponível em: <http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>. Acesso: 9 jul. 2009.

celentes oradores nos convívios organizados no clube sob a batuta dos ideais da independência política e cultural<sup>10</sup>.

Por essa história, por considerar a agremiação como um patrimônio histórico e esportivo, Barros se posiciona contrário às mudanças propostas: “O Campo de Golfe da Amendoeira é intocável. (...) é o nosso ST. Andrews e como tal deve ser conservado. É a nossa Escola, a nossa Academia de Golfe. É para nós um lugar sagrado. Se for arrelvado, o ‘pé descalço’ deixa de jogar golfe”. Essa frase final reforça uma vez mais a representação de que o golfe é popular. Sendo mais explícito, Barros afirma:

Se os meninos “pés descalços” do Dji de Sal, do Monte e do Monte Sossego forem impedidos de jogar golfe, Cabo Verde deixará de ser o único país do globo onde esta modalidade é um desporto popular e do povo, e isso será, por certo, considerado, na história desportiva do nosso país, o seu maior sacrilégio.

Ao encerrar sua carta-manifesto, Antero conclama todos à luta, lembra do nome de muitos sócios que foram ativos na história do golfe em Cabo Verde (muitos dos quais estavam engajados no “Comitê de Salvação do Clube”) e conclui em grande estilo:

Se eu fosse “espírita”, invocaria e pediria aos defuntos, velhos amantes e construtores do golfe em Cabo Verde, que saíssem das suas covas e viessem, pela calada da noite, transformados nos capatonas e canilinhas, citados por Onésimo Silveira, espantar e assustar esses intrusos e oportunistas que estão por trás dessa afronta.

O longo debate toca em um ponto central: as novas opções econômicas do país. Luiz Silva é o mais contundente: trata-se de traição das tradições locais e do pensamento dos “construtores da nação” (Eugênio Tavares, Baltasar Lopes, Amílcar Cabral), semeando a divisão entre os cabo-verdianos para beneficiar uma elite:

---

10- GRUPO de sócios contesta tacada da direção. **O Liberal** online, 17 de maio de 2008. Disponível em: <http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=13467&idSeccao=438&Action=noticia> Acesso: 1 jul. 2009.

Um golfe para turistas no espaço do golfe de Mindelo somente pode ser um golfe sem classes. Que eles nos esclareçam se será um campo de golfe público, se será um campo de golfe privado ou se será um campo de golfe semiprivado. Temos o golfe para as capacidades dos mindelenses, com as características próprias das ilhas semiáridas e os especialistas estrangeiros nos têm aconselhado a conservá-lo nos mesmos moldes. Falar aos neófitos e ingênuos de que será possível construir um campo de golfe de relva acessível a todos é um discurso barato que releva da ignorância das coisas do golfe ou da indignidade e de falta de sentido patriótico<sup>11</sup>.

Enfim, ao redor do episódio percebemos uma vez mais uma clara relação entre o golfe e a memória da nação: o clube não pode ser vendido, porque a nação não pode trair sua história.

### **Considerações finais:**

Em 4 de fevereiro de 2010, comemorando a suspensão da parceria para a construção do campo relvado, Luiz Silva publica o seguinte post, no fotolog Valda's<sup>12</sup>:

Vitória dos golfistas patriotas

(...)

A tradição golfista continua em São Vicente, principalmente nas zonas de Monte e Dji de Sal, donde tem saído os melhores jogadores. Talvez seja o único desporto em Cabo Verde que continua a manter o seu nível d'outrora. Por isso não se pode estranhar a luta dos sócios do Golf de Sao Vicente, filhos dos sócios e antigos caddies, contra a venda do Club de Golf.

A luta foi árdua tanto mais que as promessas mirabolantes feitas

---

11-SILVA, L. O golfe em São Vicente – escola de civismo, de humilde e solidariedade. **O Liberal** online, 6 de março de 2009. Disponível em: <http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=64&id=22505&idSeccao=527&Action=noticia>.

Acesso: 26 jun. 2009.

12-Disponível em: <http://www.fotolog.com.br/valdas/25817305>. Acesso: 26 jun. 2009.

pelo Nelson Atanásio e Agualberto do Rosário, de criação de campos de golfe relvados e de hotéis de luxo, enganaram muita gente. Mas, afinal, não era o Club de Golf que interessava os traidores dirigentes mas sim todos os terrenos do Club. O combate foi longo mas a vitória da verdade e do nacionalismo triunfou. (...) Lá nos espaços siderais, onde a luz brilha com mais força, os antigos fundadores do Golf devem estar orgulhosos do combate dos jogadores do golfe para a perpetuação desta modalidade e da sua história em Cabo Verde.

Estive algumas vezes no Clube de Golfe de São Vicente e devo dizer que é impressionante sua existência e movimentação. Da mesma forma, pelas ruas de Mindelo, em contatos pessoais, percebi o enorme carinho que há pela agremiação. Independente de isso ser só uma apreensão pessoal, o que me parece importante é destacar a consideração, por alguns setores da sociedade cabo-verdiana, da relevância do clube e da modalidade na construção da memória local.

O mais interessante mesmo é percebermos que o que é considerado como tradição nesse fascinante país africano não é uma prática “tribal”, mas sim uma modalidade que foge completamente do equívocado imaginário que ainda persiste sobre a África. Isso nos chama a atenção para a necessidade de melhor compreendermos o continente africano, em sua riqueza e heterogeneidade. Mais ainda, nos convoca a repensar nossas abordagens sobre o próprio conceito de tradição, que por vezes utilizamos de forma desavisada ou pouco precisa, ingênua até.

---

**The sport and the invention of traditions in African continent: the case of golf in Cabo Verde**

**Abstract**

In this study we did not adopt the understanding that, in Africa, traditional practices are necessarily manifestations "tribal" or prior to the arrival of the colonizer. We believe that in many cases, the idea is that related to traditional building representations consolidation processes deployed in national identity. Based on this consideration, the aim of this paper is to discuss how a sport, golf has been perceived as a tradition in the process of identity construction of an African country, Cape Verde, an archipelago located on the west coast of Africa, a colony of Portugal until 1975.

**Keywords:** Golf. History of the Sport. Cabo Verde.

## **El deporte y la invención de tradiciones en continente africano: el caso de golf en Cabo Verde**

### **Resumen**

En este estudio no se aprueba el entendimiento de que, en África, las prácticas tradicionales son necesariamente manifestaciones "tribal" o antes de la llegada del colonizador. Creemos que en muchos casos, la idea es la relacionada con los procesos tradicionales de construcción de representaciones desplegadas en la consolidación de la identidad nacional. En base a esta consideración, el objetivo de este trabajo es discutir cómo un deporte, el golf ha sido percibido como una tradición en el proceso de construcción de la identidad de un país africano, Cabo Verde, un archipiélago situado en la costa occidental de África, una colonia de Portugal hasta 1975.

**Palabras clave:** Golf. Historia del Deporte. Cabo Verde.

---

### **Referências**

BAKER, W. J. Political games: the meaning of international sport for independent Africa. In: BAKER, W. J., MANGAN, J. A. (eds.). **Sport in Africa: essays in social history**. Nova Iorque: African Publishing Company, 1987, p. 272-294.

BALE, J.; CRONIN, M. Introduction: sport and postcolonialism. In: BALE, J.; CRONIN, M. (orgs.). **Sport and postcolonialism**. Nova Iorque: Berg, 2003, p. 1-14.

BARROS, A. **Subsídios para a história do golf em Cabo Verde**. São Vicente: Clube de Golfe de São Vicente, 1981.

\_\_\_\_\_. **Subsídios para a história do cricket em Cabo Verde**. Praia: COC/CPV, 1998.

BARROS, V. **Cabo Verde na memória do império: a filatelia na simbologia das comemorações**. Coimbra, 2010. mimeo (comunicação apresentada na I Jornada de História e Filatelia/ Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra).

FERNANDES, G. **Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo**. Florianópolis/Praia: Editora da UFSC/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

FONSECA, V. L. **Capoeira Sou Eu – memória, identidade, tradição e conflito**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: CPDOC-PPHBC; Fundação Getúlio Vargas, 2009, 255 p.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MELO, V. A. **Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde**. Rio de Janeiro: Apicuri/CNPq, 2011.

MIRANDA, N. **Compreensão de Cabo Verde**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1963.

OLIVA, A. R. A invenção da África no Brasil: os africanos diante dos imaginários e discursos brasileiros dos séculos XIX e XX. **África e africanidades**, ano 1, n. 4, fev. 2009. Disponível em: [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com). Acesso: 23 nov. 2011.

PAPINI, B. **Linhas gerais da história do desenvolvimento urbano da cidade do Mindelo**. Mindelo: MHOP, 1982.

VASSALO, S. P. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira “autêntica”. **Estudos Históricos**, n. 32, 2003, p. 106-124.

VIEIRA, F. S. S. Do eurocentrismo ao afropessimismo: reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil. **Em Debate**, Rio de Janeiro, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>. Acesso: 23 nov. 2011.

.....  
Recebido em: 23/10/2011

Revisado em: 13/11/2011

Aprovado em: 01/02/2012

**Endereço para correspondência**

victor.a.melo@uol.com.br

Victor Andrade de Melo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Educação Física e Desportos.

Avenida Pau Brasil, sem número

Fundão - Ilha do Governador

20000-000 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil